

REVISTA TEATRAL
8/2/18

Redação: R. da Vinha, 52, 1.º

ADMINISTRAÇÃO: R. S. Marçal, 51, 1.º

OFICINAS DE COMPOZIÇÃO

E IMPRESSÃO

R. de S. Marçal, 51-A a 53-A

+++ LISBOA +++

DEZENHADOR

José Mergulhão

FOTOGRAFO

Alberto Lima

EDITOR

E. da Cunha e Sá

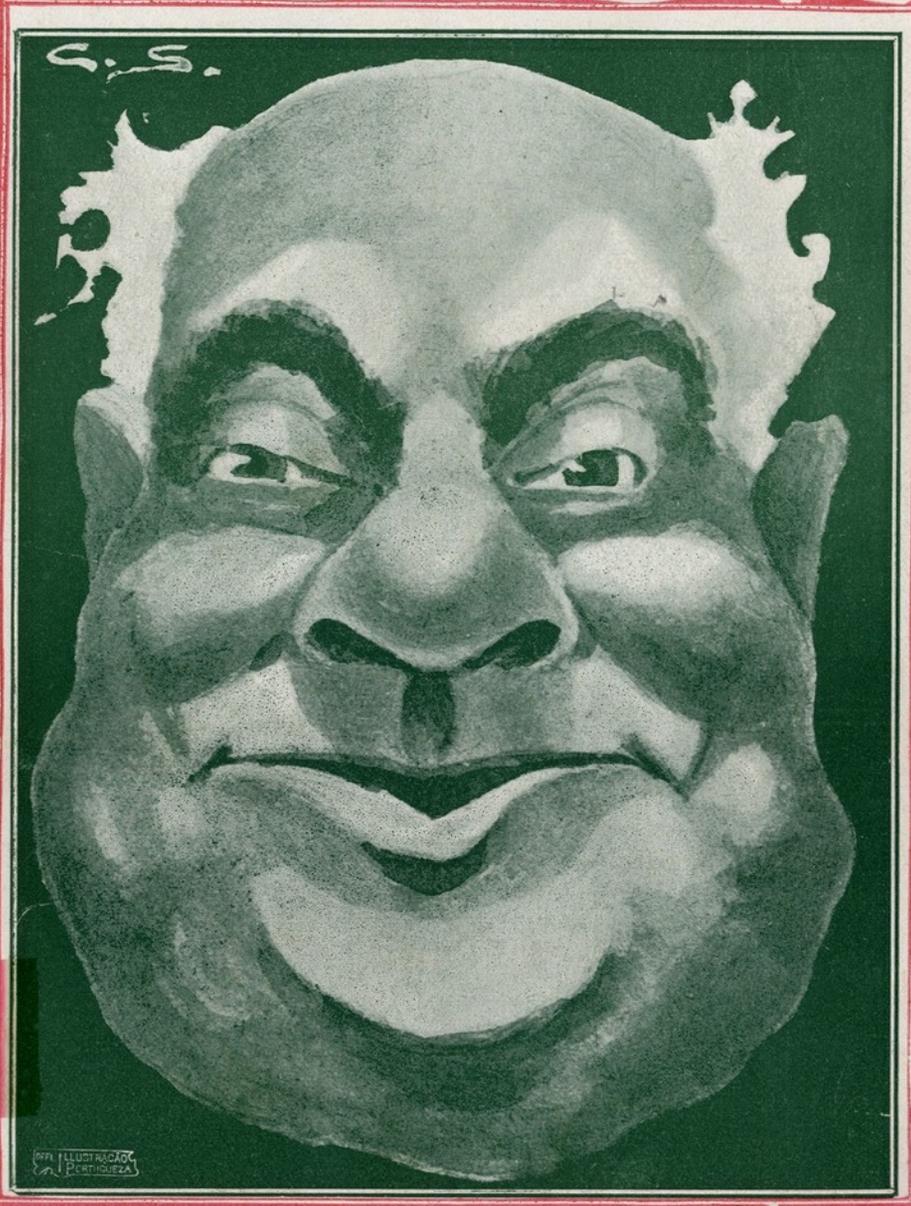
Propriedade da Empresa do PALCO

PALCO

DIRETOR: NASCIMENTO CORREIA

ANO 1.º

N.º 4



ILLUSTRACAO
PERTINENZA

ATOR CARDOZO
DO THEATRO DO GINAZIO

FH

ESPEDIENTE

Temos recebido alguns exemplares d'O Palco devolvidos, mas sem indicação alguma de quem sejam os devolventes de fórma que não podemos deixar de repetir as remessas, visto os exemplares não serem devolvidos com a cinta que d'aqui espedimos.

Para conhecermos quem devolve O Palco é indispensavel que a devolução seja feita com a mesma cinta que espedimos.



O PALCO

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Lisboa e todo o continente e ilhas adjacentes		Paizes da União Postal	
Semestre	3700	Ano	13400
Ano		13600	
Colonias portuguezas		Brazil	
Ano	13400	Ano (moeda fraca)	63000

Numero avulso — 60 réis

TABELAS DE PREÇOS D'ANUNCIOS

1 pajina, 1. ^a publicação.....	53000	1/8 pajina, 1. ^a publicação	13000
1/2 » » »	33000	1/16 » » »	3600
1/4 » » »	13800	Repetições têm o desconto de 30 0/0	

ANUNCIOS PERMANENTES — CONTRATO ESPECIAL

Anuncios intercalados no texto

1 pajina, 1. ^a publicação.....	93000	1/8 pajina, 1. ^a publicação	23000
1/2 » » »	53000	1/16 » » »	13200
1/4 » » »	33000	Repetições têm o desconto de 30 0/0	



Lisboa, 20 de fevereiro de 1912



O PALCO

JULIO DANTAS

ESTÁ em preparação mais uma recita dos Alunos da Escola da Arte de Representar.

Quer dizer: está em preparação mais uma pedra para a consolidação do Teatro português, pedra trabalhada com carinho por quem para ele olha com todo o amor, por quem o ama com toda a sua alma de artista e de português.

Depois de Gil Vicente que o fundou, depois de Garrett que o reformou, apparece-nos agora Julio Dantas que o não quer deixar morrer.

Bem ája!

O nome de Julio Dantas, o mimozo poeta, o grande dramaturgo, o finissimo burilador de frases lindas, á de enfileirar na historia do Teatro português, ao lado d'aqueles outros dois, como o continuador da sua obra. E é d'ómens assim que nós precisamos.

Que temos qualidades raras de trabalhadores de teatro teem-o afirmado todos os que nos teem visto.

Que as nossas companhias, quando organizadas com criterio, podem trabalhar a par das melhores sabem-n'os todos.

Temos pouco em quantidade? Que admira se somos um país pequeno! Ti-

remos a media ás populações dos países que nos apparecem como modelos e veremos que eles, com as suas escolas, com as suas inumeras facilidades d'estudo não teem muitos mais artistas de raça do que nós.

Demos agora aos que principiam essas escolas e essas facilidades d'estudo, chamemos ao teatro tantas vocações que aí andam esparsas e incultas e veremos n'um futuro muito prócimo, o nosso teatro elevar-se á altura... a que ele já esteve.

É esse o trabalho que Julio Dantas está produzindo.

Não lhe ponhamos peias; auciliemol-o, auciliem-no os governos. É preciso dizer aos governos que o teatro não é simplesmente um lugar de divertimento banal, é preciso dizer-lhes que ele é, ao contrario, uma das maiores escolas para a educação d'um povo e que, como tal, é um dever o auciliarem-no, senão com dinheiro pelo menos com leis protetoras.

E por felizes nos devemos considerar nós e os governos, quando para o levantamento d'uma arte nos aparece um ómem como Julio Dantas com as suas qualidades de trabalho e de talento.

Aproveitemos-lh'as.



À BEIRA MAR...

TRAJEDIA BURGUEZA
de Marcolino Mosquito



CENA I

E TELVINA (só)

Minh'alma olhando p'ra além
vôa, vôa não sei p'r'onde...
—Olho não vejo ninguém,
Chamo ninguém me responde.



CENA III

OS MESMOS E MAIS NINGUEM

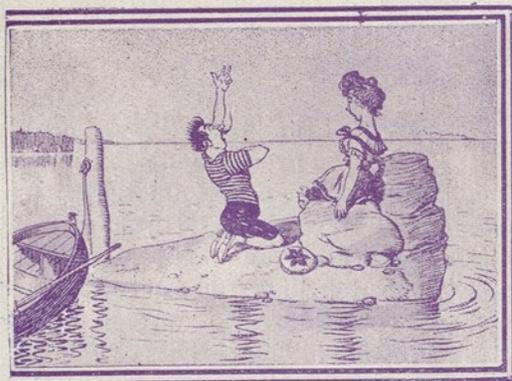
E TELVINA

— Não! tal amor cavalheiro
não poderei aceitar,
só será meu companheiro
quem um eroe se mostrar.

CENA que devia ser a quarta mas que não é
por que é muda

RAMALHO (ao ouvir tais palavras, sabendo
que ali o rio é pouco fundo, atira-se-lhe de cabeça)

E TELVINA (apezar da cena ser muda,
dezentranha-se em altos berros)



CENA II

E TELVINA e RAMALHO

RAMALHO (vindo da E. B. e saltando em terra)

— Encontrá-la já supunha!
— Mas de mim que quer senhor?
— Tomo o ceu por testemunha
do tamanho d'este amôr!

CENA V IDEM, IDEM

E TELVINA (agarrando-se ao Ramalho)

— Ó vem! Abraça-te a mim
meu querido eroe amado.

RAMALHO (tiritando com frio)

— Ó sim meu amôr!... Atehim!
Sou um eroe constipado.



AINDA A CENSURA NO TEATRO

Entrevista com LEANDRO NAVARRO

Foi na caixa do Ginázio, onde estava assistindo ao ensaio da sua nova revista *Ao correr da fita*, que encontramos Leandro Navarro e lhe espuzemos o fim da nossa vizita.

— Quer dizer-nos alguma coisa ácerca do assunto?

— Quero, mas á-de permitir-me que lh'o diga com as macimas cautelas, por que, francamente, estou com mais medo de falar e escrever atualmente do que no tempo da monarquia e o meu amigo sabe muitissimo bem que sou republicano velho. Felismente, para mim pelo menos, não precisei do 5 de outubro para enveredar pela estrada do que eu julguei e julgo, não obstante tudo, a salvação da patria...

— Disse: não obstante tudo...

— Disse. Mas isto não é para o assunto de que quer que trate.

— E' verdade. Queremos a sua opinião sobre a censura teatral.

— No tempo do outro rejimen era ridicula e atentatoria dos nossos direitos. Nada avia que permitisse a censura previa. Nem Carta, nem Codigos. Atualmente com o rejimen republicano não é menos ridicula. Isto é pão, pão, queijo, queijo.

— Acha isso?

— Acho e provo-o. Não se lembra de *A Luva Branca* no Apolo? A policia, contra toda a espéfativa de um rejimen de liberdade, ouviu cabeceando, como era de uzo, o ensaio jeral da peça e deixou-a passar. Não teve nada que dizer-lhe. Representou-se, agradou, a Empresa começou a ganhar dinheiro e de repente cáe-lhe um raio no teatro, representado n'uma intimação policial de proibição! Ridiculo, a par de edificante.

— Edificante?

— Sim, senhor. A policia a passar-se um diploma de incoerente e... e estu-

pidá. Que diabo! isto é a verdade nua e crúa. Durante umas duas ou três noites não foi ouvida por uns representantes da autoridade que a acharam decente?

— E' verdade, é. E ácerca das ultimas proibições?

— Ridiculas, como outras tantas. Até agora qual tem sido o revisteiro que tenha achincalhado o ezercito ou a armada? Absolutamente nenhum. Todos teem respeitado e ezalçado o nosso brio soldado ou marinho. A farda tem sido sempre glorificada. Na boca d'estas personajens nunca temos posto senão palavras de valor e nobreza e o povo ezulta. Por que se á-de pois proibir que apareçam em cena as fardas dos nossos militares?

— Dizem que a proibição foi por causa de uma fraze ouvida no palco de um dos nossos principaes teatros.

— E essa fraze seria da peça, isto é, do autor, ou do artista que para fazer graça, menos pensadamente, ridicularizou a farda? A policia devia ter indagado, visto bem, e depois fazer entrar na ordem ou o autor ou o átor. V. sabe por esperiencia quantas *buchas* metem os artistas. Umas vezes bem, outras mal cabidas.

— E sobre as personajens policiaes?

— Se ouve em tempos quem desse ocasião a que não se permitisse a ezibição do agente policial fardado, por ter abuzado e ridicularizado, até ao ultimo extremo, a autoridade, não acho razão suficiente para que não se permita ezibi-los áqueles que sabem guardar as devidas considerações e respeitos. Por que um não saiba estremar os campos da critica, não se segue que outros o não saibam fazer. Eu, mesmo, vejo que atualmente em todas as revistas, mesmo as de maior fantasia, á o seu bocadinho de politica (claro que cada qual segundo



o seu crêdo) e que não fás mal o *ridendo castigat mores*. Arranhar ao de leve n'uns ridiculos de toda a nossa sociedade não é coiza que prejudique, por isso acho dezacertada a ordem proibitiva que se deu para que na peça *Os 20 milhafres* não pudessem entrar artistas fardados de policia.

A outras coizas que deviam preocupar mais o Governo Civil.

—?

— Sim, meu caro. Pelo teatro não á-de vir grande mal á nossa Republica. Quem não gosta não vai lá. Mas o que nós vemos por essas ruas de Lisboa é pior do que tudo quanto se possa dar no palco. A tavolagem. A prostituição arrastando-se por todas as ruas. A rufajem sem respeito algum pelo proprio agente policial. A mendicidade. A infancia mercadejando-se e aviltando-se. Tudo isto é mil vezes mais degradante para a propria policia do que qualquer piada de revisteiro, ou comediografo.

— Revisteiro ou comediografo?

— Perdoe-me separá-los. Para mim os campos de ação de uns e outros são distintos. Não lhe esplicarei agora este meu modo de vêr, por que isto vae longo. E aqui tem como, afinal, lhe disse tudo quanto penso sem cautelas.

*

É, como se vê, mais uma vós a juntar-se ao côro de protesto contra as proibições impensadas e contra as censuras levianamente feitas.

João Anastacio Roza

A Camara Municipal, em sua sessão de 8 do corrente, aceitou a proposta do Sr. Manuel Ventura Terra para que a uma das ruas da capital se dêsse o nome do gloriozo artista pae dos dois não menos gloriozos João e Augusto Roza.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS ARTISTAS DRAMATICOS

Eis o rezultado das eleições a que no domingo, 4, se procedeu n'esta Associação.

Direção.— *Presidente*, Joaquim Costa; *Vice-presidente*, Pinto Costa; *Tezoureira*, Medina de Souza; *1.º secretario*, Eduardo Fernandes; *2.º secretario*, Cazimiro Tristão.

Assembleia jeral.— *Presidente*, José Antonio Monis; *Vice-presidente e Presidente do cofre de beneficencia*, Alexandre d'Azevedo; *1.ª secretaria efétiva*, Lucinda do Carmo; *2.º secretario efétivo*, Duarte Silva; *1.º secretario suplente*, Augusto Avelar; *2.º secretario suplente*, Augusto Conde.

O Chico das Pêgas



A pêga... e o seu Chico



FALSO

Filipe

DA
FLÔR
À
BATATA...

OFFICINA ILLUSTRACAO
PORTUGUEZA



*Pinto que apesar de gálo
em Pinto sempre ficou...*

*— Uma mulher basta olhá-lo
p'lo beijo logo ficou...*

*Em forças é um atleta
e ninguém queira provál-o
que p'ró ceu vai de carreta
quem d'ele levar um 'stálo...*

*Em vestir bem rivaliza
co'os dandys a quem dá botes;
e por isso uza a diviza:*

— Chega p'ra lá, não m'amarrotes!

OS NOSSOS CONCURSOS

Concurso n.º 2 (monologos)

Resultado

Lidos os 18 monologos que nos foram remetidos, foi classificado em primeiro lugar o que trazia o titulo de Gramatica arte nova, de Gafanhoto e em segundo o Já dei o que tinha a dar, de Fersan.

Como bons, foram ainda escolhidos os seguintes: O amor baralhado, de Feio Jentil; A minha pança, de Alvaro Lís e Era uma vês um rei..., de Aterlas.

Abertos os sobrescritos com os boletins viu-se serem autores dos 5 monologos, respetivamente os srs. Hogan Teves e Fernando dos Santos, de Lisboa, João de Souza e Faustino dos Reis Souza, de Vila Franca de Xira e José Sabreta, de Cabeceiras de Basto.

Ao primeiro d'estes senhores mandámos buscar o retrato que acompanha a publicação do seu monologo. Os quatro restantes podem enviál-o o mais breve possível. Os premios serão enviados a caza dos premiados que os receberão em troca de recibos.

O monologo Gramatica arte nova será muito brevemente representado no Teatro do Ginázio pelo ator Augusto Machado.

Os autores dos monologos recusados, poderão mandal-os buscar á Redação com um recibo passado pelo seu proprio punho e receberão juntamente, intacto, o sobrescrito com o seu boletim.





ALBERTO SOUZA

MUITA PARRA

Pouca uva

Os
quatro ratas
da
atualidade



O AVARENTO

(O monologo do IV ato)



A proposito da representação do Avarento de Molière, á dias efetuada no Teatro da Republica em festa do grande átôr Ferreira da Silva, veiu-nos á ideia a interpretação que á pouco lhe deu, então aluno do Conservatorio,

Joaquim Almada, quando no Teatro Nacional, deu as suas provas.

Ferreira da Silva dá ao celebre monologo do 4.º ato, como já lh'a aviado esse outro grande átôr que se chamou Ribeiro, uma interpretação dramatica; Joaquim Almada deu-lhe a fôrma cômica.

Qual a razão por que o fêz, rompendo assim com a tradição?

Achámos interessante sabê-lo e para isso nos dirijimos ao oje novel e esperanzao artista.

Eis o que ele nos respondeu:

Despretenciosamente, com o fito no estudo e no trabalho, impulsionado por essa vontade que nos apaixona no principio das carreiras, eu venho hoje pela primeira vez a publico em duas fracas linhas, dizer o que penso d'uma questão d'arte que ha muito preoccupa os mestres e criticos de theatro, entre os quaes ha corrente de opinião diversa.

Sou um novo reconheço isso. Será um ponto melindroso do qual nós os novos não podemos fallar? Talvez.

Mas tendo eu, e ainda ha bem pouco tempo no Teatro Nacional, no concurso a premio dos alumnos do Conservatorio, tocado e estudado uma d'essas questões em bem seguras bases, tenho o desejo de dizer ao publico que me escutou as razões e os porquês duma interpretação minha.

Ha em theatro personagens que são verdadeiros paradoxos.

Ha sobre o *Hamlet* volumes escriptos e, segundo a opinião dum mestre meu, não se chegou a um accordo.

N'estas condições tem Molière dois personagens seus, o Argan do *Doente de sisma* e o Harpagão do *Avarento*.

E' pois sobre o *Avarento* que escrevo.

E' sem duvida sobre a interpretação d'esta

personagem que ha diversissimas opiniões, ou por outra, duas correntes: — a dramatica e a comica.

Ha quem seja da opinião que o Harpagão deve ter uma interpretação dramatica. Porquê?

Eu, depois de ter lido todos os livros que mais ou menos me podessem elucidar sobre o assumpto, não consegui responder a esta interrogação.

No concurso já citado o auditorio viu três interpretações. Eu só vi a minha. Senti-me. Ouvi-me.

O meu trabalho teve positivamente duas phases: — aquella com que comecei e aquella com que acabei.

Eu vou, pensava eu antes de se erguer o panno, por esta fôrma de interpretar, dando ao personagem a feição comica, rasgar a tradição do methodo como até aqui tem sido interpretado em Portugal o *Avarento*.

E enquanto o coração me batia em pulsações desconcertadas, num estado um pouco fraquejante, eu pensava attenta e constantemente nesses vinte e quatro alexandrinos que são positivamente a parte culminante da peça de Molière e do concurso.

Eu melhor do que ninguem comprehendia a situação do momento: um ninguem, um alumno sahido ha pouco dos bancos do Conservatorio vinha perante o auditorio interpretar o monologo, mas duma maneira opposta, verdadeiramente, á que até aqui o tinha sido *na nossa terra*.

Agradará esta maneira de proceder? devo ir pela tradição? Deverei seguir as palavras de Coquelin Cadet? Devo seguir o proprio Molière?

.....
Levanta o panno. . . Alguem annuncia que eu vou interpretar o monologo do 4.º acto do *Avarento*.

Tremulo, entro pela scena. Se bem me recordo o publico riu e nesta toada consegui levar o monologo até meio.

Se o riso echoava na sala, logo lhe succediam alguns *schius*; estes eram sem duvida uma reprehensão ao riso.

Quem ria não devia rir.

Comprehendi então que no auditorio havia alguém julgando que eu estava dando uma interpretação dramatica ao papel e que o exagero da situação dava o riso.

Infelizmente ha ainda quem pensa que o exagero do drama dá a farça. P.º engano. entro de tudo que seja theatro dará sómente a tragedia.

Em face da disposição do auditorio, senti-me sem forças em meio.

Terminei o monologo, dramatisando-o talvez.

Perguntar-me-ha, quem lêr estas linhas, pelas bases em que assentei o estudo da minha interpretação.

As bases, disse eu, são seguras porque são as palavras de Molière, ou por outra: as da propria peça.

A figura do Avarento não foi creada propriamente por Molière, mas sim por Plauto na *Aulularia*.

Pergunto eu:—o celebre comediographo latino teria em vista dramatisar na *Aulularia* a figura do Avarento?

Ridicularisá-la talvez. E o ridiculo só será possivel dá-lo pelo lado comico.

Analysando bem a moral da peça, a moral que envolve a personagem é sem duvida tragica, mas a interpretação é comica.

A avareza é dolorosa e como dolorosa é tragica, mas como castigar o vicio?

Ridendo castigat mores.

Pelo riso, pelo ridiculo, pela lagrima salpicada de riso é que se castiga o vicio.

Se a moral é tragica a interpretação é comica.

Eu não tenho em vista desprestigiar o trabalho de ninguem. Actores houve que deram uma interpretação dramatica; mas como não quero nem tenho audacia para discutir o que alguém mais abalisado de que eu fez, é por isso que estas palavras terão só a feição de expor as razões que me levaram a romper com a tradição.

Dizia eu que Plauto tentou, sem duvida, ridicularisar o Avarento. Molière, ao adaptá-lo á sua litteratura e á sua época, encontrou-lhe a graça precisa para que, calculando o riso que despertaria no monologo do 4.º acto, o pozesse a dizer ao olhar a platéa:

— Ils me regardent tous et se mettent à rire.

Ora o publico não riria talvez, como não riu entre nós, se o monologo tivesse uma interpretação dramatica.

Molière foi o primeiro inteprete do seu Avarento e, segundo as chronicas do tempo e os folhetins de Robinet, seu contemporaneo, deu ao Harpagão uma feição comica.

Se a alguém restar uma duvida sequer sobre estas palavras, aconselho-lhe a leitura do volume VII da obra *Les grands ecrivains de la France*.

Ora se a cada momento se me apresentava uma opinião de que a interpretação era comica, eu poderia ou deveria estudar bem diversamente? Não.

Se Molière, que animou a figura, que lhe deu moldes pela Litteratura e que a fez viver pela Arte, lhe deu uma interpretação comica, eu devia trahir, como disse Coquelin, a sua obra de theatro?

Se, quando depois de Molière, Grandmesnil em 1790 tão erudita e artisticamente deu ao seu Avarento a feição comica, eu poderia ter ainda a sombra sequer duma duvida?

Com certeza que não.

Ao escrever estas palavras tenho sobre a minha meza o volume II dos *Quarenta annos de theatro*, de Francisque Sarcey.

Meio volume é consagrado a Molière e á sua obra.

Neste volume, Sarcey trata das peças uma por uma entre as quaes debatos o nosso debattido Avarento.

Sarcey publica uma carta resposta de Coquelin Cadet a um folhetim seu.

Coquelin, depois de varias considerações, em que responde a Sarcey, por este lhe chamar um guignol, um mau exemplo para os alumnos do Conservatorio, expõe as razões porque o Harpagão deve ter uma interpretação comica e as quaes eu mais ou menos escreverei.

«Era um mau gracejo, diz Coquelin, interpretar tragicamente o Avarento; era mais, continua elle, era uma traição, porque oito dias depois da primeira representação do Avarento, (15 de Setembro de 1669), Robinet, nos seus folhetins, escrevia em verso:

J'avertis que le sieur Molière

.....
Joue à présent sur son théâtre,
Où le suit la foule idolâtre.

Un Avare qui diverti

Non pas certes pour un petit
Au delà de ce qu'on peut dire

Car d'un bout à l'autre, il fait rire.»

Dum lado ao outro elle fazia rir, dizia Robinet oito dias depois!

Não seria trahir Molière, interpretando o Avarento bem diversamente do que elle tinha ensinado ao mundo que o viu nas representações da troupe du Roi? Sem duvida. E bastar-me-hia isto só para que o meu estudo, para que a minha interpretação tivesse a feição comica.

Mas, continuando a carta de Coquelin, diz elle que tendo feito uma viagem á Russia, á Roumania e á Servia, paizes onde representou o Avarento, teve no final do monologo do 4.º acto dez e doze chamadas.

Pergunta Coquelin a Sarcey: «—Se a um erro de interpretação se acolhe com dez chamadas, a uma conscienciosa interpretação serão necessarias vinte e cinco chamadas, não é verdade?

E notae que a obra está traduzida para a lingua dos diversos paizes que me acolheram tão favoravelmente.»

O Harpagão é um papel muito intenso ao qual qualquer actor deve dar o maximo do comico, sem tirar já se vê a sinceridade e a naturalidade que o personagem requer.

E' uma ideia sem bases representar o Avarento tragicamente.

Só nos fins do seculo XVIII é que apareceram as primeiras interpretações dramaticas.



Visconde de Castilho

Esqueceram-se, diz Coquelin, de manejar a chave do personagem que vive na phrase do monologo:

Ils me regardent tous et se mettent à rire

Conclue Coquelin: — Harpagão é um papel *infinitamente comico* e eu meu caro Sarcey continuarei com o meu guignolismo que é ao que se chamava a verdade molieresca.

Se me restassem duvidas eu teria diante dos meus olhos numa das paginas do livro *Les grands écrivains de la France*, o seguinte:

«Por ordem do Rei a troupe teve que partir para Saint Germain e na ultima recita representaram-se o Avarento e o Tartuffe e Robinet, o celebre folhetinista, escrevia:

Molière le dernier jour
A ravir *divertit* la cour
L'ar son Avare et son Tartuffe.

Ora uma tragedia divertir era o mesmo que dizer: Robinet não comprehendu o que viu e o que escreveu não tem valor; Molière não sabe o que escreveu nem mesmo o que interpretou, bem como Grandmesnil, e finalmente Coquelin faz afirmações bem pouco justas.

Castilho ao vertê-lo para a nossa lingua com certeza que não lhe modificou intenções, pois que bem basta o estudo de Mendes Leal que prefacia a obra para que as minhas bases e provas sejam fortes para conservarem de pé a minha acção se alguém houve que, julgando a, a tornou estúpida e pretenciosa.

Tratei este assumpto lendo mais Molière e contemporaneos do que Castilho, porque este nunca pensou, talvez, em deturpar as intenções de Molière e de Plauto!

JOAQUIM D'ALMADA.



Ensaiaçdôr,
Professôr,
Escritor,
Atôr...
— Um primôr.

Mas em cantôr,
papeis de côr,
cenus d'amor,
e com calôr...
— Um orrôr.





GRAMATICA ARTE-NOVA

Monologo em verso
ORIJINAL DE HOGAN TEVES

(1.º premio do nosso concurso de monologos)
(Vidè pagina 54)

Tipo ridiculo de mestre-escola. — Entra acanhado e reciozo pelo F. e dirige-se ao publico

Como estão? Passaram bem?
Eu menos mal, obrigado,
mas um tanto arreluíado
porque não tenho vintem.

Na minha terra, em Fanhões,
sou professor, dou lições
nas aulas lá do azilo,
mas não vivo só d'aquilo
pois não preenche a bitóla
o que vence um mestre-escola.

Porém, como sou esperto
descobri um meio ce to
de auferir alguns cabedaes.

As regras gramaticaes
rezolvi simplificar
e n'um volume publicar
a **Gramatica Arte Nova**.

E, se o governo m'aprova,
— então não lhes digo nada,
terei vida regalada.

Eu não vos quero m'çar
co'os ezemplos que vou dar
da minha nova invenção...
mas lá vái. Ora, atenção:

(Dirijindo-se a um espectador)

O senhor o que me dis
se lhe pingar o narís?
— Tem uma constipação?!
Mas não deve dizer tal,
porque o senhor afinal
o que tem é **constipão!!!**

Pois se o verbo é constipar
e não é **constipaçar**,
deve dizer **constipão**,
e nunca constipação!

(Dirijindo-se a uma espectadora)

Agora aquela senhora:
ouve uma frase sonora
cheia de amor e paixão
e como todas, vaidosa,
dis logo toda dengoza:
foi uma declaração!

Mas se o verbo é declarar
e não é **declaraçar**
deve dizer **declarão**,
e nunca declaração.

(Dirijindo-se a um músico)

Quantas vezes o maestro,
não terá também o sestro
de dizer com convicção,
que se os sons não são unidos,
e lhe ferem os ouvidos,
que á dezafinação?

Dizendo dezafinar
e não **dezafinaçar**,
diga sim **dezafinão**,
nunca dezafinação!

(Dirijindo a vista para um bastidor)

N'este bastidor do lado,
tenho sido disfrutado
p'lo empresario, o patrão,
que á um instante já disse:
— nunca ouvi tanta tolice!
— que grande complicação!
Ora que grande ratão!
Pois se dis complicar,
e não dis **complicaçar**,
tem que dizer **complicão**.

(Pequena pausa)

Agora eu. Que direi
a todos a quem macei?
Que foi grande com certeza,
a vossa **amabilidadeza**,
em me quererem escutar.
— Estão-se a rir? Estão a troçar?
Se se dis delicadeza,
e não dis **delicadáde**,
eu digo **amabilidadeza**
e não amabilidade.



UMA CEGADA...



Schwalbach

Landerset

Taveira

Ruas

Braga

Galhardo

Inácio



CONCURSO N.º 4

Estão aqui 19 partes dos corpos de três artistas, Carlos Viana, Gomes Junior e Alvaro Cabral. Compete aos leitores distinguir as que pertencem a cada um d'elles, juntá-las depois ás respectivas cabeças e enviá-las a esta redacção juntamente com o boletim que se refere a este concurso e que encontrarão no fim em *separata*, onde esta gravura se repete para que os leitores não tenham de cor-

tar a pagina do jornal. Para maior facilidade dir-lhe-emos que um dos corpos está dividido em 7 partes, outro em 5 e o outro em 4, não contando com as cabeças. O Concurso fica aberto até ao dia 10 de março, inclusivé, e entre os que nos mandarem resultados certos serão sorteados 3 brindes: *Uma bolsa de prata; um camarote para o Teatro da Trindade; um fauteuil para o Teatro do Ginazio.*



Il basso

Il tenor

La prima-donna

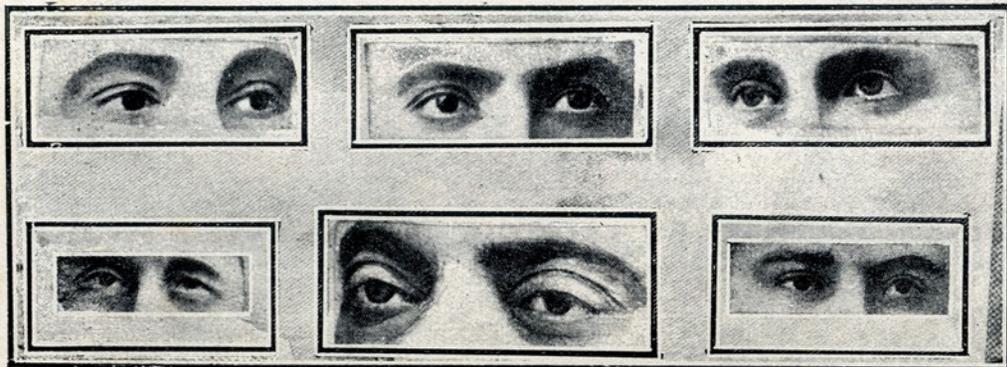
CONCURSO N.º 4

(Resultado)

Delfina Vitor

Nascimento Fernandes

Judit de Melo



Lopes Mendonça

Cardozo

Palmira Bastos

Apenas 10 respostas recebemos a este concurso e nenhuma certa!
 Não devem, portanto, desconsolar-se os que não adivinharam porque tiveram muitos companheiros na desgraça.

Anedótas teatraes



O ator Andrade era tido e avido como o artista que mais asneiras dizia em cena.

Em certa ocasião, farto de ouvir disparates, Francisco Palha proibiu-o espressamente de falar em cena e só lhe distribuía papeis... mudos. As asneiras, porém, subiam-lhe á garganta e quazi o sufocavam. Se não

falasse, rebentava.

Representava-se então a opereta *Rouxinol das salas* e o Andrade fazia uma sentinela... muda. O nosso ómem foi para a cena com instruções terminantes de não abrir a boca, e fazer a sentinela.

Momentos depois entra um ator e inquire do Andrade:

— Viu por aí o sr. Garat?

O Andrade abriu a boca, mas fêz um supremo esforço e continuou o passcio.

— Viu ou não viu o sr. Garat? disse o outro já de propozito para o ouvir.

O Andrade não poudé mais; pára, olha... e responde:

— Não á cá Garats!!

AGRADECIMENTO

A todos os jornaes que anunciaram a aparição d'*O Palco* com palavras amáveis e incitadoras endereçamos a expressão do nosso reconhecimento.

AOS LEITORES DA PROVINCIA

A todos os nossos assinantes, correspondentes e leitores, pedimos a especial fineza de nos enviarem os nomes dos teatros das suas terras, com todas as informações possíveis a respeito das suas lotações e rendimentos, despezas e rováveis em cada espectáculo, pessoas com quem se trata o aluguel, etc.

Se alguns também tiverem as fotografias das respectivas fachadas, maior fineza seria o enviam-las.

Bibliografia

Do notavel poeta e grande amigo de coizas de teatro, Afonso Lopes Vieira acabamos de receber o *Auto da Barca do Inferno*, que tanto agrado despertou quando á pouco, por ele acomodado á cena moderna, foi representado no Teatro da Republica.

Muito gratos pela oferta, fazemos votos para que se não faça demorar nova obra, pois qued'elas assim muito precizados estamos.





CONCURSO N.º 4

Boletim do Concurso n.º 3

que deve ser enviado juntamente com os corpos dos artistas

Nome do remetente

Morada

Os resultados que não venham acompanhados por este boletim não serão contados.

CARLO Reclamano de Portugal
 PARA 1919
 ANTO DE FUNDACAO
 (nas illas e colonias portuguezas) Preço 500 Rs.
 nas livrarias e papelerias de Lisboa e Porto e na
 B. da Cunha e Sá, Editora
 Av. 31 e 33-A - Rua da Escola Polytechnica, 15 e 16
 1.º

Importação e Exportação — Expedições
JOSÉ ROBERTO DA SILVA

Agente de Comissões e de Navegação

Agente de: Carl Seegers, Hamburg—Uh.º Aug. Vogt. Paris
—E. da Cunha e Sá, Lisboa, Portugal—The Northern Assurance C.º
Ltd., Londres—Lampert & Holt, Liverpool—Millers & Corys, Cape
Verde Islands Ltd., S. Vicente—Wilson, Sons & C.º Ltd., S. Vicente
Coruña Salvage Association, Coruña, España.

Sub-agente de: Loyá's, Londres—Le Comité des Assu-
reurs Maritimes, Paris—The Royal Mail Steam Packet C.º, Londres
—The Pacific Steam Navigation C.º, Liverpool.

Adresse telegraphico: **Jack — Praia**

Codigos em uso: A. B. C. 4.ª e 5.ª edições Lieber's & Social

Praia — 5. THIAGO — Cabo Verde 1

JOSÉ ANTONIO DO PATROCINIO

Vinhos, Vinagres e Aguardentes

PARA

CONSUMO E EXPORTAÇÃO
Marca P. & F

Qualidades garantidas — Preços resumidos

*Premiado
em todas as exposições a que tem
concorrido*

RECOMPENSAS OBTIDAS

Vinhos Tintos - 3 Grands prix.

Vinhos Brancos - 1 Menção honrosa, 2 diplomas
de honra, 1 Grande diploma de honra, 1 diploma
de honra com felicitações do jury, 1 medalha de
vermel, 2 medalhas de prata, 3 medalhas de ouro,
8 grands-prix, 1 primeiro premio de medalha de
ouro com palma.

ARMAZENS E ESCRITORIO

Rua José do Patrocínio

Marvilla-Lisboa

Endereço telegraphico: Niciotropa-Lisboa

Telephone: 29—Poço do Bispo 2

BLOCK-MEMORANDUM

Para escriptorio

Com ferragem, para collocar sobre a mesa
de trabalho

*** ELEGANTE E COMMODO ***

Está á venda, com block para 1912.

Como se fará block-memorandum nos annos seguin-
tes, a ferragem servirá para immenso tempo.

PREÇO AVULSO

Block-memorandum, 200 réis.

O mesmo com a ferragem, 700 réis. G

Só a ferragem, 600 réis.

A' venda na **Casa E. da Cunha e Sá**, Lisboa e Porto

AGENDA PORTATIL PARA 1912

(3.º anno de publicação)

Edições da **Casa E. da Cunha e Sá**, Lisboa e Porto

◆ ◆ ◆ UM VOLUME CARTONADO, 120 RÉIS ◆ ◆ ◆ G

MALMEQUERES

Contos por Tama-
gnini Barbosa.
Um volume, 300 réis

Depositaria — **Casa E. da Cunha e Sá**

LISBOA E PORTO G

Do Hypnotismo á Aviação G

1.º VOLUME DA BIBLIOTHECA DE SCIENCIAS PSYCHOLOGICAS

Um vol. de 100 paginas, 150 réis

Edição da **Casa E. da Cunha e Sá** — Lisboa e Porto

SONETOS

Edição da **CASA E. DA CUNHA E SÁ**

POR

Lisboa e Porto G

THOMAZ D'EÇA LEAL G

Um volume, 300 réis

CALENDARIO Reclamo de Portugal

PARA 1912

(1.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

Contendo 366 vistas do continente, ilhas e colonias portuguezas) —*— PREÇO 500 RS.

A' venda nas principaes livrarias e papelarias de Lisboa e Porto e na

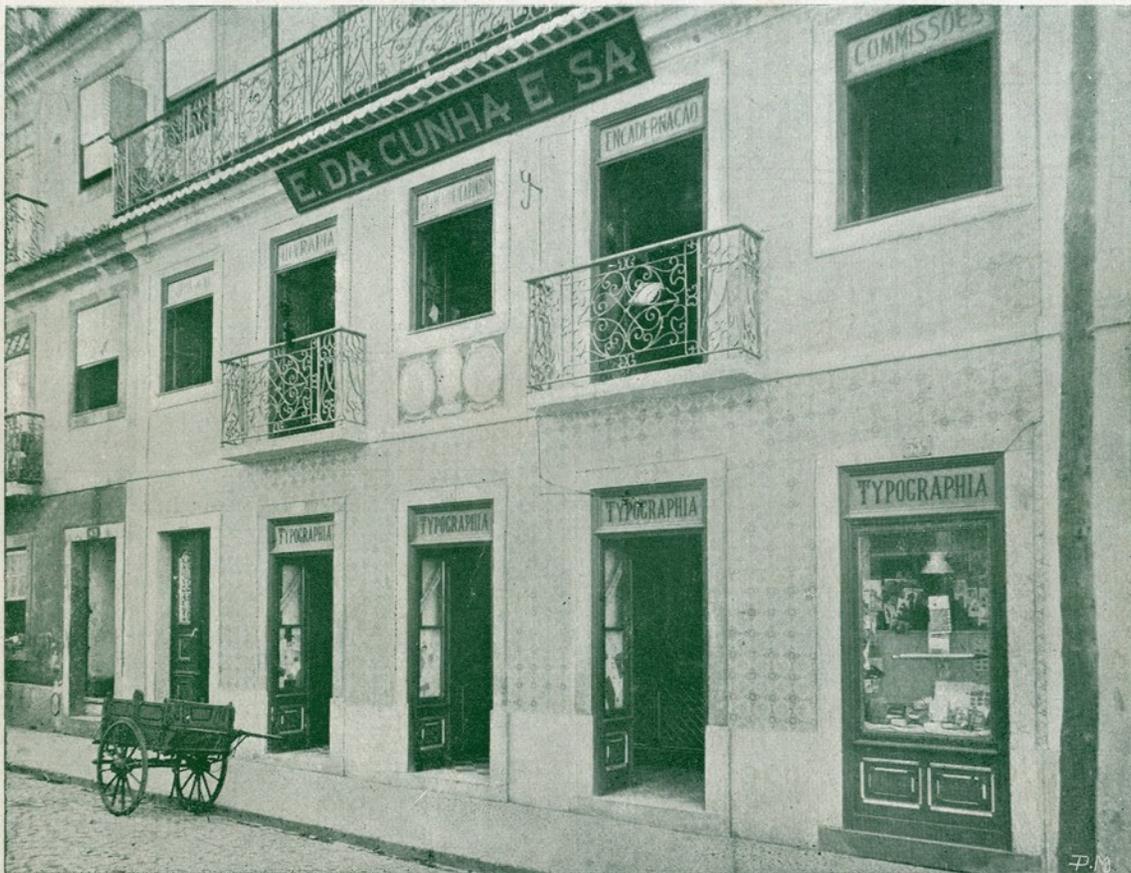
Casa E. da Cunha e Sá, Editora

EM LISBOA — Rua de S. Marçal, 51 a 53-A — Rua da Escola Polytechnica, 16 e 18

NO PORTO — Rua do Correio, 76, 1.º G

CASA E. DA CUNHA E SÁ

→→→→ Fundada em 1905 ←←←←



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
OFFICINAS TYPOGRAPHICAS A VAPOR, PAPELARIA,
LIVRARIA, GRAVURA,
ENCADERNAÇÃO, FABRICA DE CARIMBOS,
NOVIDADES UTEIS, COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES
REPRESENTAÇÕES E INFORMAÇÕES
Centro de assignaturas e de propaganda litteraria

ESCRITORIO

R. de S. Marçal, 51, 1.º

TELEPHONE 442

END. TELEGRAPHICO: Pygmeu

OFFICINAS

R. de S. Marçal, 51-A, 51-B, 53, 53-A

SUCCURSAL E DEPOSITOS

R. da Escola Polytechnica, 16 e 18

TELEPHONE 3441

LISBOA

ARMAZEM FORA DO CONSUMO

MARVILLA — R. José do Patrocinio

TELEPHONE 29 — Poço do Bispo

AGENCIA GERAL NO NORTE

Rua do Correio, 76, 1.º — PORTO

AGENCIAS

NAS

PRINCIPAES TERRAS DA PROVINCIA, ILHAS,
AFRICAS, INDIA E BRAZIL